

A R E G E N E R A Ç Ã O

Semanário regionalista e cultural

AVENÇA

Director Literário—Dr. João Tendelro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Defesa da paz futura

«Se não podemos impedir as agruras económicas causadas pela guerra, podemos prever ainda maiores sobressaltos económicos e sociais causados pelo súbito desarmar dos exércitos e a desmobilização da economia de guerra no mundo, pelo que é prudente reforçar desde os tempos presentes, naquilo em que possamos fazê-lo, a armadura económica da nação, como uma das melhores defesas da paz futura.»

CARMONA (Da Mensagem dirigida à Assembleia Nacional, em 27-11-1942)

Dr. Mário de Vasconcelos

Esteve nesta vila o sr. dr. Mário de Vasconcelos, ilustre Governador Civil do nosso distrito, que vinha acompanhado do sr. Capitão Salgueiro Rêgo, comandante da Polícia de Leiria e do sr. dr. Cunha Valente, secretário-geral do Governo Civil. Depois de almoçarem com o sr. dr. Simões Barreiros, presidente da Câmara, seguiram para Pedrógão Grande e Castanheira de Pera.

Major Neutel de Abreu

Fez anos no próximo passado dia três do corrente o sr. Major Neutel Simões de Abreu, nosso particular amigo e um dos maiores valores coloniais. Por esse motivo, s. ex.ª foi cumprimentado pelo sr. dr. Manuel Simões Barreiros, Presidente do nosso Município, em seu nome pessoal e no da Câmara Municipal.

Grémio da Lavoura

No próximo passado dia 29 reuniu-se, em sessão ordinária, o Conselho Geral do Grémio da Lavoura, a fim de proceder à eleição do seu presidente, vice-presidente e secretários e apreciar e discutir o orçamento da receita e despesa para o ano de 1943.

Depois de conferida a posse a 26 Procuradores que se encontravam presentes, procedeu-se à eleição referida, tendo sido eleitos:

Presidente—dr. José Fernandes de Carvalho, de Castanheira de Pera;

Vice-Presidente—dr. Artur Nunes Agria, de Figueiró dos Vinhos;

1.º Secretário—Políbio Fernandes das Neves, de Figueiró dos Vinhos;

2.º Secretário—António Lopes da Costa, de Vila Facaia.

Seguidamente foi discutido e finalmente aprovado o projecto do orçamento apresentado pela Direcção. Usaram da palavra os ex.ªs Procuradores dr. Manuel Simões Barreiros e Joaquim Lourenço de Campos que, depois de cumprimentarem e felicitarem os membros do Conselho, disseram da importante função que o mesmo tem a desempenhar adentro das actividades do Grémio.

O nosso pão tem de ser feito por nós

Produzir o máximo com a menor despesa—é a ordem da nova Campanha Agrícola que o Ministério da Economia promove este ano. Dizemos «promove» porque não se limita só a aconselhar e a encorajar, como no ano passado, mas porque dá os meios para conseguir o fim. As terras trabalhadas por processos científicos e técnicos dão mais rendimento com menor despesa. Ora o Governo põe à disposição dos lavradores o seu pessoal técnico para estudar os terrenos e ensinar os processos menos dispendiosos de os fazer produzir o máximo, contando que esta Campanha será, como a primeira, bem compreendida e abraçada.

Como se vê trata-se de um esforço mais profundo e orientado. Necessário se torna que os lavradores e os trabalhadores do campo procurem aprender os ensinamentos da ciência. Com isso só têm a lucrar pessoalmente além de contribuírem grandemente para o interesse nacional.

A campanha será dividida em três etapas, visto ser impossível aplicar simultaneamente todos os seus princípios.

Em primeiro lugar procurar-se-á criar «raças» que melhor se adaptem ao clima da região, escolhendo os melhores reprodutores.

Em seguida serão ministradas indicações de defesa sanitária dos produtos não só quanto à higiene como quanto à conservação. Dêste modo evitar-se-á o estrago das substâncias básicas da alimentação, as quais muitas vezes se perdem sem o lavrador saber bem porquê.

Por último, virá a exploração agrícola que deve abranger todos os campos, fazendo-os produzir milho, aveia, fava, forragem para os gados, e cuidando também da olivicultura, fruticultura e viticultura.

Resolve-se assim o problema agro-pecuário e assegura-se a nossa alimentação durante mais este ano, que se avizinha ainda sob o signo da guerra.

J. M.

1640

Mil seiscientos e quarenta
Foi o luz r dum jarol
Que transformou a tormenta
Num dia cheio de sol!

E Portugal ultrajado
Pelo jugo castelhano
Viu novamente hasteado
O pavilhão lusitano!

As suas hostes guerreiras,
Rôsto ao alto e expondo o peito,
Demarcaram as fronteiras
Em batalhas de respeito!

E Portugal oprimido,
Voltou a ser Portugal:
— Para sempre redimido,
Alevantado e imortal!

1942

Francisco Pires

Obras Municipais

Estão concluídos os W. C. e urinóis públicos, devendo ser abertos ao público no princípio do próximo ano.

—A rua do sr. dr. Martinho Simões já está calcetada, e a Câmara pensa levar o calcetamento até à Fonte das Freiras.

Presentemente andam a calcetar a R. da Alegria.

—O empedramento da E. M. da Aldeia de Ana de Aviz à Aldeia da Cruz, está quasi concluída.

—A parte final da E. M. de Campelo vai ser empedrada dentro de breves dias.

—A fonte de Campelo aguarda a vinda da tubagem.

—Os trabalhos de ultimação do caminho da Ponta de Alge a Campelo, também andam entre mãos.

—Tem ainda a Câmara o empedramento da estrada de Arega a fazenda de esta obra ainda não começou, e porque, na localidade, não tem aparecido quem tome conta da obra ou parte dela, pelo que a Câmara se vê na necessidade de fazer a obra por administração directa.

Conferências Religiosas

Conforme noticiámos no nosso último número, o Reverendo Frei Gaspar Pinto, da Ordem dos Franciscanos, realizou, como preparação da festa do Sagrado Coração de Jesus, uma série de conferências na Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos.

As palavras do ilustre franciscano, moldadas no mais puro cristianismo, em tudo quanto é de mais moral e compreensivo, foram recebidas no meio figueirense com um entusiasmo que ultrapassou o de todas as solenizações semelhantes. Os preceitos de amor fraternal de S. Francisco nada perderam com a sua transposição para uma época tão diferente como a nossa. E todos quanto enchiam o templo, mesmo os que, sem qualquer espírito religioso, nele compareceram com o único fim de ouvir as conferências, sentiram o poderoso influxo moral das palavras desasombradas com que Frei Gaspar Pinto, cingindo-se apenas à religião, proclamou a necessidade duma reforma espiritual que torne o homem mais humanitário. Todas as suas palavras se podem resumir no preceito que tantas vezes repetiu, o mandamento que encerra todos os mandamentos: — Amai-vos uns aos outros!

Ao nosso amigo Reverendo Arcipreste Padre António de Almeida Inglez, as nossas felicitações pela felicidade da escolha do orador sacro que nos trouxe, e os agradecimentos por nos tornado possível a audição de tantas verdades e exemplos.

(Resposta a um inquérito)

Eu, pai do austero purismo, estou de acôrdo com os meus companheiros dos movimentos cubistas e post-cubistas, no que diz respeito ao vocabulário, à terminologia, aos elementos que hão de compor um quadro. Devemos aos impressionistas, fauvistas, cubistas, construtivistas e abstractos, obras importantes que foram bem do seu tempo e constituem admiráveis inventários de processos artísticos. Já constituiu o piano, agora é preciso executar nêle a música.

E' certo que nós necessitamos sempre de fazer laboratório, mas nada de nos limitarmos a isso! Porque, no fim de tudo, a busca da pureza, procurada por si mesma, torna-se um trabalho estéril.

Quanto a mim, desde 1925 que compreendi isso e doravante orientei-me para investigações mais humanas.

Importa certamente, como sempre, aprendermos a exprimir-nos melhor. Porque o alcance duma obra de arte depende da sua excelência técnica. E nas artes plásticas, muito particularmente, o pensamento quasi nada vale se a forma for mediocre. Mais do que nunca devemos importar-nos com o que temos a dizer. A todos os outros factores da complexa equação que nós, artistas, em qualquer época, somos forçados a resolver, juntamos hoje em dia as imperiosas obrigações seguintes:

1.º Pintar para toda a gente, e portanto pensar na grande multidão universal que vive do trabalho.

2.º Conseqüentemente, sentir a obrigação de se exprimir tão universalmente quanto possível. Exprimir-se em termos universais, pelas propriedades directas e colectivas dos sentidos e não por alusões de símbolos, obscuros para os não-iniciados. Por conseguinte: objectividade do pensamento e processos seleccionados.

Uma arte social, coisa extremamente necessária nos tempos actuais, não deve ser um estupefaciente para pessoas neurasténicas, nem um soporífico para diletantes, mas sim um excitante viril que crie uma exaltação fortificante. Esta arte foi sempre a mais difícil porque exige do seu autor a posse de elevadas qualidades morais.

A obsessão do abismo cavado entre o povo e o artista acaba por produzir uma vertigem paralizante.

Muitos de nós já esqueceram que qualquer elite em breve se esgota quando corta as raízes que a fortificavam bebendo a seiva nas massas populares. Mal vai à elite quando se torna castal. Vejam como o velho Egipto foi conduzido à decadência pela casta sacerdotal, recordem a China dos mandarins ou a antiga Espanha Real.

E' necessário vivermos plenamente o nosso tempo para que sejamos verdadeiramente da nossa época, a qual compreende em imanençia o seu próximo futuro. Vivermos para que da nossa vida nasça naturalmente *qualquer coisa* a dizer. O artista foi, é, será humanista quando souber submeter-se ao humano, isto é, aquilo que faz com que um homem seja um homem—um homem superior.

Todo o artista que se mantém voluntariamente acima das questões sociais e políticas, julgando colocar-se numa posição favorável, priva-se pelo contrário de qualquer possibilidade de acôrdo com o seu tempo.

Amédée Onzenfant

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Revelações químicas dos carburantes

A expressão «liquidação do carvão», engana. Seria, portanto, melhor se falássemos da síntese do carvão. Pois trata-se de transformar o carvão natural por um processo químico, de tal maneira que resultem dele produtos líquidos que possam ser empregados tecnicamente, e que ao mesmo tempo possam ser ganhos em qualidades apreciáveis. Não se trata de verdadeiro sentido da palavra de transformar por um processo físico um objecto massivo em líquido. Com carvão líquido com certeza não se teria conseguido um combustível para alimentar os motores.

Cientificamente este problema já foi discutido no século passado, pois a ciência de hoje sempre é, e ficará, a técnica e economia de amanhã. A alta importância económica e política do progresso da liquidação do carvão foi alcançada somente no nosso século. O ano de 1913 pode ser considerado como início dessa nova evolução.

Depois da realização de novas e difíceis experiências conseguiu naquela altura Friedrich K. Rr. Bergius realizar como o primeiro o seu objectivo Independentemente deste grande investigador, Franz Fischer conseguiu depois da Grande Guerra inventar outro processo para a realização da síntese do carvão.

Segundo Bergius, é possível transformar qualquer qualidade de carvão, turfa ou asfalto pelo emprego da alta pressão até 150 atmosferas e temperatura aumentada até 450° C. em substâncias que fervejam mais

fácilmente, portanto, principalmente benzina. Também para os restos de carvão já se tinha encontrado um aproveitamento útil, visto que os gases deviam ser reconduzidos para o processo enquanto que de amoníaco podiam ser feitos adubos.

Segundo Fischer o processo da condução do óxido carbónico e hidrogénio sobre catalizadores aquecidos, trouxe o mesmo resultado. Na prática porém, opuseram-se à síntese do carvão, dificuldades imagináveis. Por muito tempo tinha a má fama de não se render. Somente a construção de canalizadores, que são insensíveis contra a oxidação por sulfúrico e outras substâncias contidas no carvão, necessitava de grandes e enormes esforços e, ao tempo, de grandes capitais.

Em geral, hoje o processo começa com o pulverização do carvão e a sua mistura com vários óleos, do qual resulta uma certa massa, que pode ser conduzida em aparelhos de alta pressão. Lá recebe uma quantidade determinada de hidrogénio e é aquecida mais tarde num forno especial. Em departamentos de reacção os gases são limpos de todos os restos e resíduos, os quais, por sua vez, são conduzidos para o seu emprego apartado. Em aparelhos especiais os gases são novamente separados em gases — que são reconduzidos para os elementos de origem e os líquidos, os chamados óleos provisórios. Com isso é terminada a primeira fase da síntese do carvão. Na segunda, estes óleos provisórios são separados nas

Primeiro de Dezembro

Comemorando a data da Restauração da Nacionalidade a Banda Municipal percorreu de madrugada as principais ruas de Figueiró dos Vinhos, numa alvorada festiva em que foram executados os Hinos Nacional e da Restauração.

José Pires Coelho David

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. José Pires Coelho David, digno presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande.

Fiscalização de géneros

A passa semana a policia de fiscalização de géneros alimentícios e açambarcamento, esteve nesta vila. Retirou muito bem impressionado, tendo a franqueza de dizer na Câmara Municipal, que iam muito bem dispostos, dada a forma como encontraram os serviços organizados, a que não devia ser extranho a intervenção da autoridade local.

A. Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

suas diversas substâncias originais, segundo o processo «Crack, conhecido na industria petrolífera, e os novos óleos pesados, supostos a novo processo.

Visto sob o ponto de vista económico universal esta nova invenção permitirá economisar consideravelmente tanto os jazigos de petróleo como de carvão e prolongar outras existências, em todo o mundo, para tempo indefinido, cujo esgotamento já se podia calcular. Feliz esta invenção que influi na História universal.

D. C.

UMA CARTA

Recebemos de sr. Joaquim Rodrigues, natural da Póvoa e residente em Lisboa, uma curiosa carta, cujos tópicos principais passamos a transcrever:

«Pela leitura do «Diário de Notícias» de 17 de Setembro último, constatei que, pelo organismo competente do Estado, haviam sido concedidas verbas para obras a executar no ano de 1913, e que tinha sido concluída a destinada ao abastecimento de água ao lugar da Póvoa desse concelho — sonho de há longos anos das gerações componentes daquela humilde aldeia, graças à boa e leal orientação da digna Câmara Municipal de Figueiró, pela forma rápida e carinhosa como diligencia remediar as necessidades dos seus muncipes.»

«A ordem e orientação que desde a revolução salvadora do 28 de Maio tem regido a Nação, tem sido em tal grau que bem merecia que pelas aldeias isoladas do mundo se fizesse maior luz e propaganda. Há-as de tão isoladas de tudo quanto se passa do país, que tudo ignoram os seus povos: mete dó observar a sua ignorância, como tenho eu próprio constatado nas minhas curtas passagens de veraneio pela terra onde nasci, Póvoa, quando, lendo jornais que aí recebo, a curiosidade pública em minha volta manifesta interesse em saber o que de algo se passa e se admira do relato dos melhoramentos do país.

Neste ponto alguma coisa se poderia fazer, dotando as Casas do Povo, situadas em centros de freguesias, com uma modesta biblioteca, onde, ao domingo, os povos que ali se deslocam para assistir ao acto religioso aproveitem as horas de ócio, que passam nas locandas embriagando-se, e ali fôssem ler jornais e outras obras patentes, e se os próprios sacerdotes, que são os seus pastores, aconselhassem os fieis a frequentar essas leituras, e com isso contribuíram para a repressão do crime por excesso de al-

Os monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça

Realiza-se no próximo dia 9 do corrente, às 21,30 horas, na Casa do Distrito de Leiria uma conferência intitulada «Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça», pelo Engenheiro Agrónomo e Silvicultor sr. Joaquim Vieira Natividade, erudito publicista e investigador da Estação Agronómica Nacional.

O assunto sugestivo do trabalho e a alta categoria mental do conferente fazem despertar o maior interesse à volta desta conferência.

A Câmara Municipal de Alcobaça representada pelos seu presidente, sr. Manuel da Silva Carolino, e vereadores, toma também parte nesta noite de festa da Casa de Leiria.

DELEGADOS

Importante organização nova em Portugal necessita de delegados em todo o país.

Imprescindível boas relações, cultura e rigorosas referências.

Resposta a Organizações Totapé — Figueira da Foz.

Arrenda-se

A Quinta do Carameleiro Quem pretender dirija-se à família de João Zagarte Henriques. 3-8

cool. Quando este caso se apresenta irrealizável, muito bem se poderia manter uma remessa quinzenal de um jornal regionalista a cada aldeia, enviado ao representante do regedor que se encarregaria da sua leitura e circulação; mesmo que para isso ao povo se tivesse de pedir encargos, seria um grande passo para a sua cultura geral e dar-lhes-ia a conhecer aquilo que, para bem da força moral da Nação, precisavam de saber.»

Joaquim Rodrigues

Folhetim de «A Regeneração», N.º 4

A CAVALGADA DOS NUS

POR H. LOPES DE MENDONÇA

III

Mulei Moamed, então rei de Fez, nascera em Arzila, e aí fora nos sete anos cativo pelos portugueses, quando em 1471, sob as ordens de D. Afonso V, estes se apoderaram da vila. Residindo sete anos entre os seus vencedores, aprendera-lhes a linguagem e identificara-se com os seus costumes, de forma que merecera dos compatriotas o cognome de *Português*. Quando os vaivens da politica o elevaram a um dos poderosos troncos que dividiam o império marroquino, fora sempre ambição sua o reapossar-se da terra natal. Nesse empenho repetia por diversas vezes os assautes contra a fortaleza, eficazmente defendida sempre por um punhado de heróicos soldados.

Agora, em 1520, de uma correria aos campos de Tanger, onde se contentara com arrebatrar aos portugueses algumas cabeças de gado vacum, o velho soberano merinita vinha dar uma vista de olhos à saudosa pátria, da qual há quasi meio século vivia apartado. Talvez que o acaso lhe proporcionasse alguma luta propicia contra os detestados

cristãos, os cães filhos de cães, cujos ávidos colmilhos se cravavam no torrão sagrado que lhe fora berço.

Naquella mesma manhã havia chegado a Alfandequim, onde passara. A sua hoste, embora relativamente avultada, não tinha contido força bastante para tentar um assalto em forma contra a fortaleza. Limitar-se-ia a correrias pelos arredores, esperando alguma algara eventual dos moradores despercebidos da sua chegada, e confiando em que a sua presença, uma vez sabida, os estimularia a uma sortida agressiva. Em qualquer dos casos, possível é que houvesse às mãos presas valiosas ou cativos de quantico resgate.

Mas aquêle dia era um domingo: e o rei, conhecedor dos hábitos devotos dos cristãos, contava firmemente que elles sob pretexto algum saíssem da vila. De atalaia, cautelosamente occulto, postara contudo no pontal, dende se descobria toda a praia, um seu almocadêm, de nome Hamelix, de sobra conhecido

pelos portugueses, a quem voltava fidalgo ódio.

Fácilmente descortinou o almocadêm mouro a luzida, mas exígua, cavalgada, que saia pela porta da Ribeira. Viu-a dirigir-se a trote largo para o Tojal, e sumir se depois, fazendo rosto para o Rio Dôce.

A breve trecho estava o rei prevenido da inopinada fortuna que se lhe porporcionava. Ordenou a Hamelix que se concentrasse com duzentos de cavallo no porto de Halemouquique, ao passo que outro igual de cavaleiros tomaria pelo vale de Jorge Vieira, sob o commando de um elche ou renegado, por nome Martinho. O esquadrão nazareno ficaria assim esmagado entre as duas alas mouriscas, se não preferisse render-se, em vista da desigualdade manifesta das forças. Por encobertas, adiantou-se com efeito Hamelix até ao Tojalinho, porém, não vendo os cristãos, resolveu seguir a direito para o Rio Dôce, e viu-se por isso forçado a tomar a campina raza.

Entretimentos, na fortaleza, apoiados ao parapeito da muralha, homens e damas haviam seguido com interesse a expedição. Perdida que ella fôra de vista, depois de se embrenhar pelas moitas que assinalavam a vizinhança do rio, por ali tinham permanecido todos, procurando a sombra dos bastiões, refrescando-se com a ténu aragem

maneira, alongando os olhos pelo oceano, cuja superficie ondulante reverberava como uma chapa incomensurável de esmalte cerúleo.

Pelos campos fora, nem sinal de vida humana, e não ser ao longe, muito ao longe, a leste, uns fumosinhos apenas perceptíveis que se evolvavam de algum aduar perdido além de um carvalho verdejante.

Conversava-se alegremente sobre os mexericos da terra, faziam-se conjecturas sobre a improvável iminência de alguma gazua mourisca, comentavam-se as últimas noticias do reino, galhofava-se a propósito de tudo.

Isolada de todos os grupos o vulto esbelto meo reclinado sobre uma bombardarda grossa que estendia através da bombardeira a sua garganta colossal de bronze, Guiomar debruçava-se para fora da muralha, quasi sem desfitar os olhos do ponto por onde se sumira a expedição. Havendo deixado seu pai entregue aos cuidados da aia, para ali correria ansiosa, espreitando avidamente todos os incidentes da correria a que ella própria dera motivo. Absorta neste unico pensamento, dera de mão a requetas cavalheirescas dos officiaes e a desveladas instâncias das damas, oferecendo-se para lhe servirem de companhia.

Abriçada do sol pelo batente da bombardeira, cansavam-se-lhe os olhos na contemplação persistente daquêlle largo trecho de planura

ondulada em que a luz viva mal se esbatia de onde em onde na espessura dos montes. E o marulho incessante do oceano, quebrando nas fragas da costa, prostava-a num vago entorpecimento que a deliciava quasi, como olvido momentâneo de máguas.

De repente, teve um sobressalto inexplicável. Como através do véo diáfano de um sonho, via ao longe, sobre o tapete verdeneiro do Tojal, salpicado de pontos amarelos, agitar-se uma turba de vultos brancos, que crescia, crescia constantemente, como se surdisse da terra. Um instante se quedou, incôscia da realidade, não percebendo nitidamente se era presa de uma alucinação. Mas num relance a verdade inteira e terrível se lhe impôs, sem sombra da dúvida. Erguendo-se num impeto, a pobre rapariga soltou um grito estridente de pavor.

Todos, alvoratados, acorreram à muralha. E num rápido volver de olhos, todos se inteiraram da situação. A ameaça era tremenda. Os almogavares portugueses, por certo desprevenidos, iam ser vítimas da sua imprudência. Por ordem de D. João Coutinho, tratou se de lhes fazer sinal, conforme se podia. Deu-se fôgo à bombardarda grossa, repicaram os sinos da vila, e, sobre o parapeito, officiaes e soldados uniram-se numa gritaria persistente e vigorosa de alarme.

(Continua)

EDITAL

Registo de Caninos
A Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos: Faz saber que, em obediência ao Decreto n.º 18:725, de 2 de Agosto de 1930, é obrigatório, o registo de caninos na Secretaria desta Câmara Municipal até ao dia 30 de Janeiro próximo

O registo é feito mediante declaração do interessado, em impressos fornecidos na Secretaria da Câmara, que serão completados pela Juuta de Freguesia quando se trate de caninos de guarda; não podendo, porém, ter mais do que um em cada casal ou propriedade rústica.

Os donos de caninos, quando deixem de possuir os animais registados, devem fazer na Secretaria da Câmara Municipal a competente declaração, a fim de não serem incomodados.

A falta de registo é punida com a multa de 100\$00 e respectivos adicionais, por cada canino que passe além do referido prazo sem que seja registado.

Para conhecimento geral e ninguém poder alegar ignorância, se publica o presente edital e idênticos, que vão ser largamente afixados em todo o concelho.

E José Maria Dias de Albuquerque Saraiva, chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 3 de Dezembro de 1942.

O Presidente da Câmara
Manuel Simões Barreiros

EDITAL

O Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirurgião pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faço saber que, durante 30 dias, contados do próximo, dia 2, se acha aberto o cofre da Tesouraria desta Municipalidade, para pagamento voluntário do seguinte imposto:

Imposto de prestação de trabalho

Findo aquele prazo e durante as operações preliminares de relaxe (mais 60 dias), terminadas as quais se procederá a este, podem os contribuintes efectuar os referidos pagamentos, acrescidos dos juros de mora.

Para conhecimento dos interessados se publica este e idênticos, que vão ser largamente afixados nos lugares públicos do costume.

Eu, José Maria Dias de Albuquerque Saraiva, Chefe da Secretaria da Câmara o subscrevi.

Paços do Concelho e Secretaria da Câmara Municipal, 3 de Dezembro de 1942.

O Presidente da Câmara
Manuel Simões Barreiros

Edital

A Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz saber que, no próximo mês de Janeiro, devem os contribuintes e mais interessados, pagar os impostos e obter as licenças que a seguir se indicam:

- Licença de caçar
- Licença de canídeos
- Registo de veículos, incluindo bicicletas
- Licença policial do Governo Civil (porta aberta)

Para que ninguém possa alegar ignorância, se publica o presente, que vai ser afixado nos lugares do costume, Paços do Concelho, 3 de Dezembro de 1942.

O Presidente da Câmara,
Manuel Simões Barreiros

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Editos de 30 dias

(2.ª Publicação)

Faz-se saber que por este Juízo e sua 1.ª secção, correm editos de trinta dias a contar da segunda e última publicação do respectivo anuncio, notificando o executado Francisco Silveiro, casado, ausente em parte incerta da França, e com o seu ultimo domicilio em Agua de Alta, desta freguesia e comarca, de que por despacho de 5 de Novembro corrente, foi ordenada a penhora no imóvel a seguir indicado, na execução que lhe move bem como a sua mulher Remilde da Conceição, a exequente D. Maria Adelaide da Costa Agria, viuva, desta vila, para pagamento da importância de três mil setecentos e quarenta e cinco escudos, ao juro anual de cinco por cento, ou seja a quantia de quatro mil seiscentos e oitenta e um escudos e vinte e cinco centavos, ficando eles executados na posição de depositários do mesmo imóvel.

Imóvel penhorado

Um olival sito à Salada das Maças, limite de Agua de Alta, desta freguesia, parte do nascente com Paulino Godinho, sul com Antero Simões Barreiros, norte com Alfredo Dias Curado, e poente com terrenos da freguesia de Dona Maria (águas quebradas). Este prédio é na matriz o artigo 23:448, Figueiró dos Vinhos, 7 de Novembro de 1942.

O Chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Suceva

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 573 de 5 de Dezembro de 1942

Alvaro Amorim Pinto
Advogado
Castanheira de Pêra
Em PEDRÓGÃO GRANDE:
todas as segundas-feiras

GÊLO

VENDE-SE qualq uet quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pêra

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clinica geral
Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral

— Consultório e residência:—

Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal
Clinica Geral

Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segundas-feiras das 9 às 14 horas
Em Castanheira de Pêra — às quintas-feiras das 9 às 15 horas

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :: DENTES ARTIFICIAIS

Consultas às **Sextas-feiras** e aos **Sábados** até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto..

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

“A Regeneração,”

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:

Cada série de 24 numeros 9\$50
“ ” “ 48 ” 19\$00

Este preço é acrescido do porte do correio

COLONIAS:

Cada série de 24 numeros 16\$00
“ ” “ 48 ” 32\$00

ESTRANGEIRO:

Cada série de 24 numeros 24\$00
“ ” “ 48 ” 48\$00

Pagamento adiantado

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA

Telefone 46873

PENSÃO COMERCIAL

Mesa esplêndida :: Quartos muito higiênicos

Quarto de banho com água fria e quente

Figueiró dos Vinhos - Telefone 9

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.da

Praça José Malhoa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.da» e do cimento «Tejo», Loijas sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gesso, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

Anibal Silveira Herdade Armazém de Ferro, Aço e Carvão

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas **Tungsram**

24-9 Comissões e Consignações

CASA

Arrenda-se nesta vila, à Fonte das Freiras, 1.º andar com varanda, instalações de electricidade e água, e quintal. Trata Carlos Lacerda.

Alfonses António da Conceição
Pombal :: Telefone n.º 7

Completo so tudo de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE PAVEIRO

Cal hidráulica MACIEIRA 24-2

Os melhores preços -

Casa Vende-se, situada ao Cimo da Vila. Umhas grades de ferro e um engenho de tirar água em estado de novo. Tratar com José dos Santos Granada, comerciante, Figueiró dos Vinhos.

Boletim Bibliográfico

PAIXÃO E MORTE DUM RAPAZ ROMANTICO, romance de *Hugo Rocha* — Edição da *Parceria A. M. Pereira*, Rua Augusta, 44 a 54, Lisboa — 1942.

A repercussão dum romance no grande público resulta de várias circunstâncias. Quanto maior, numéricamente, for a sua aceitação, mais vincada será a sua influência, em especial quando vier acompanhada dum elevado expoente humano. A natureza desta aceitação provém de causas muito diferentes: escândalo em volta da obra ou do autor, prestígio pessoal deste e, como resultante da leitura, o grau da «simpatia» que se estabelece entre o público e o livro.

O romance a que nos vamos referir valoriza-se essencialmente — pondo de parte o esqueleto estrutural resultante do entredo e da forma — por aquela mesma simpatia. Por esta expressão, queremos designar a compreensão mútua entre os problemas apresentados e os próprios que agitam o leitor, não apenas os que o interessam pessoalmente, mas o fundo de compreensão humana que todos, mais ou menos, possuem.

Literária e estruturalmente, *Paixão e morte dum rapaz romântico* deve ser considerado um romance perfeito. Apenas o título nos pode induzir em erro quanto ao conteúdo: aquele «romântico», sugere uma atitude em desacordo com a maneira de encarar a vida cotidiana, uma sublimação extravagante de paixões e de conduta pessoal. Com a leitura do livro, esta impressão atenua-se, e até dá vontade de exclamar, uma vez finda a leitura: — Mas assim românticos todos nós somos! Não se trata dum romantismo piegas, mas duma verdadeira carta de alforria de todos os pensadores colocados, pelas vicissitudes da vida, numa posição semelhante à do protagonista. Compreendido nas suas linhas gerais o papel a desempenhar na sociedade, há em quasi todos nós aquele vago desejo de uma vida elevada espiritualmente, de uma felicidade mais completa. Na figura torturada de Hércules Reis estão — ou antes, estamos — retratados milhares de inadaptados que a vida não conduziu a porto seguro.

A atmosfera do livro é de tragédia: aquele empregado do comércio que se quer elevar até ao expoente intelectual que a sua sensibilidade reclama, apesar da oposição do patrão, da incompreensão da família e da adversidade do ambiente, é muito-nosso conhecido. Poucos, porém, procuram na morte, como o poeta Herculano Reis, a solução radical da sua inadaptação; a maior parte lá vai vegetando sob uma capa de falso conformismo, mas sempre inconformistas e insatisfeitos.

Consideramos este romance como um dos melhores que temos lido. Pelo menos, foi o que, ultimamente, mais nos impressionou e melhor nos fez sentir aquela «simpatia» a que nos referimos.

LONDRES RESISTIU..., por *J. M. Spaight*, com um prefácio do marechal do ar britânico *Visconde Trenchard*. Tradução de *Mário Neves*. Edição da *Parceria A. M. Pereira*, Lisboa, 1942 (2.ª Edição).

Ao iniciar-se o segundo semestre de 1940, a Inglaterra, em especial a área de Londres, sofreu a maior ofensiva aérea até então conhecida. Centenas de aviões alemães, depois de conseguirem ultrapassar as defesas anti-aéreas, procuraram abater a moral dos londrinos por meio de bombardeamentos formidáveis. *E Londres Resistiu...* livro em que se relatam os sacrifícios de todos quantos se empenharam na defesa da Inglaterra e contra-atacaram a rede ofensiva alemã, dos poucos que salvaram muitos, merecer ser lido como um repositório de exemplos de abnegação e de heroísmo, e, ainda, como a documentação dum dos períodos mais angustiosos da história inglesa.

João Tendeiro

Apatência e realidade

Dizer-se que o mundo é contraditório, significa que cada fenómeno tem sempre o seu aspecto aparente e real e que estes aspectos lutam entre si. Por exemplo: o desenvolvimentista lucrativista apresenta os seguintes aspectos aparentes: o preço, o lucro, a reserva de lucros. E contra essa aparência lida a realidade do valor, da maior valia, da apropriação subjectiva dos meios de produção, enfim, a realidade das relações da sociedade humana real. — *Carlos Serru.*

SONETO

*Em vão procuro o teu olhar em fogo
na luz de cada olhar que me aparece,
mas em nenhum daqueles que interrogo
há tanto brilho como existe nesse.*

*Não sei se é erro em que perdido vogo
ou ilusão que a fantasia tece,
pois se julgo encontrá-lo sinto logo
que a efémera visão se desvanece.*

*Em vão, em vão procuro, ó minha amada!
um outro olhar de luz imaculada
tão virginal como os teus olhos são!*

*E nenhum, nenhum deles me fascina.
E' que os outros me ficam na retina
e só o teu me desce ao coração!*

JOAQUIM DE LEMOS

Regionalismo e Cultura

Algumas opiniões nossas sobre um tem que sempre nos tem interessado e pelo qual vimos há anos batalhando — o da difusão cultural pela acção directa dos jornais da província — mereceram do nosso camarada J. Abreu Nunes uma série de considerações interessantes e oportunas, publicadas no último número de *A Regeneração*. Longe de nos maguarem, as objecções suscitadas pela nossa maneira de ver encheram nos de alegria: era mais um companheiro na tarefa comum, escrevendo no próprio meio em que actuamos; — e, mais ainda, um espírito empreendedor e sincero cuja ajuda nos seria sem dúvida preciosa.

Não nos iludimos pensando resolver o problema do analfabetismo e da incultura, na zona de expansão deste jornal, por uma campanha jornalística: o que importa é provocar o interesse das pessoas cultas que nos podem auxiliar e, ao mesmo tempo, como o assunto é de suma importância para a elevação do nível de vida nacional, chamar a atenção de quem de direito para a necessidade de uma acção conjunta de elevação das massas humanas.

E' lamentável a confissão da elevada taxa de analfabetismo e incultura do nosso país; mas mais ainda o é reconhecer que, por desleixo e apatia dos que por um pouco de boa vontade — a admirável boa-vontade que não deve limitar-se ao papel de simples choque inicial mas sim aguentar-se no mesmo nível de entusiasmo desde o eclodir da ideia até a sua realização integral! — o podiam fazer, aqueles magnos problemas não estão ainda em via de resolução. Muito, na verdade, se tem feito, mas não basta.

A imprensa regionalista, mais do que para noticiar este ou aquele acontecimento, serve para expor e pedir a resolução imediata das necessidades locais. A extirpação da ignorância e da rotina das nossas aldeias é uma necessidade premente. Interessar, portanto, o maior número possível de individualidades pela elevação cultural dos meios rurais é, mais do que um dever, um apostolado; todos quantos nos acompanham nesta campanha, mesmo que as suas palavras sejam de censura, serão bemvidos se vierem por bem.

No que respeita aos pequenos artigos culturais publicados em *A Regeneração*, por muito que pese a J. Abreu Nunes, não são caminhos inacessíveis: constituem antes vias abertas a todos; o que é necessário é que sejam lidos de boa vontade e sem qualquer vestígio de preguiça mental.

João Tendeiro

REVISTAS E JORNAIS

Diário Popular

Este jornal da tarde, cuja permuta com *A Regeneração* vamos iniciar, é sem dúvida um dos melhores do género que se publica no país. Com uma colaboração oportuna e variada, que foca simultaneamente aspectos múltiplos de interesse, tem recebido o melhor acolhimento da parte do público, e é de esperar que a sua leitura, de hábito se transforme, dentro em breve, em necessidade espiritual.

Do sr. António Tinoco, ilustre director do *Diário Popular*, recebemos há dias uma carta, que bastante nos sensibilizou, por exprimir o desejo de bem colaborar conosco na intensificação da propaganda regionalista da nossa terra, e se colocar ao nosso lado na defesa dos interesses locais.

Porque esta atitude é rara da parte dos periódicos de grande circulação, para quem a Pequena Imprensa não conta em geral, e exemplifica, com nobreza, a sua utilização do jornalismo na tarefa de con-

correr para o bem comum, tanto na Capital como na Província, endereçamos ao sr. António Tinoco as nossas saudações e a sincera expressão da nossa inteira solidariedade.

Vida Mundial

Com a costumada regularidade, continuamos a receber tôlas as semanas este *documentário semanal da Imprensa*. Com uma colaboração sempre variada, a leitura de *Vida Mundial* impõe-se a todos quantos se interessam pelos assuntos internacionais.

Vida Mundial vende-se em Figueiró dos Vinhos na Barbearia de Victor do Carmo Correia e no seu agente Juvenal da Conceição Simões.

Boletim do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, n.º 5

Com vária colaboração referente a automobilismo, chegou-nos às mãos Boletim, de que destacamos as secções *Recuperação de óleos*, *Pró-Gosogénio e Recauchutagem*.

O que é a escola activa?

por Irene Lisboa

(Continuação)

O horário destas escolas é geralmente diferente do das escolas ordinárias. Os velhos horários, sendo bem feitos, procuram fixar tempos mínimos para cada disciplina, com o fim de evitarem a fadiga. Poupa-se o aluno porque o ensino mais ou menos artificial e forçado, não corresponde sempre aos seus interesses. A *escola activa* dispensa-se destes escrúpulos; chega a considerar livre, dentro de certas medidas, o emprégo do dia escolar.

O *espírito precisa de entrar bem em acção se queremos que o nosso interesse se mantenha*, costumava dizer certo professor de pedagogia nas suas lições, o que, por outras palavras, significa: Um trabalho de limites muito curtos nunca dá bom rendimento; a concentração é mais útil que a dispersão.

Ora, a *escola activa*, apesar da variedade dos seus interesses e da individualização do seu trabalho, não deixa de cultivar a concentração. Cada pequeno problema que ela sugere às crianças, que é senão uma chamada à concentração? Mais adiante o reconheceremos, quando nos ocuparmos dos *centos de interesses* de Decroly e do *método dos projectos* de Collings.

E já que se fala de educadores, fixemos o nome de Dewey, o grande psicólogo americano, que tanto impulsionou com os seus estudos o renovamento da educação. Foi ele que lançou com nitidez as bases psicológicas do *interesse*, na educação, do interesse espontâneo. São suas estas palavras:

A doutrina da disciplina (imposta) falliu. E' absurdo supormos que uma criança adquiere melhor disciplina intelectual e moral a trabalhar contra vontade que a fazer uma coisa em que possui interesse e a que se dê de corpo e alma. O ideal da educação não é que a criança junte conhecimentos, mas que desenvolva capacidades.

Dewey, com muita elegância e clareza, mostra como a duas formas de ensino correspondem duas divisões diferentes. Diz ele que «disciplina» é a divisão dos professores e mais gente que se maravilha com os programas, que julga que vida se contém nêles; e que «interesse» é o dos psicólogos, dos curiosos da alma infantil, que fuadam a sua educação na descoberta e na satisfação dos seus instintos.

Diz também Piaget, outro psicólogo dos nossos dias, que as formas de pensar das crianças diferem muito das nossas, que a consciência infantil se cria por meios de que nós adultos quasi já nos não servimos. Afirmo mesmo que no adulto «a teoria engendra a prática» e que com a criança se dá o contrário, «a prática engendra a teoria». Isto é, nos que temos o espírito feito, tiramos as nossas regras de conduta de ideias que já possuímos: as crianças tiram-nas geralmente das suas experiências de momento. A nossa inteligência alimenta-se muito de abstracções e a infantil de concretizações. A criança para obter noções suficientes do que a rodeia tem de aplicar activamente os seus sentidos, por isso tão obstinadamente intenta reproduzir tudo que lhes desperte a atenção! A sua inteligência é prática, de base sensorial e motriz, e a nossa é já conceptual. Ela pensa por meio de acções; exercita o seu espírito agindo e não reflectindo no isolamento ou na passividade, como nós tantas vezes usamos. Não são propriamente os *conceitos verbais*, isto é, as ideias expressas em palavras, que melhor lhe formam o entendimento e lho impulsionam.

As escolas modernas tem, pois, por base a actividade e o interesse da criança. O trabalho deixou de ser só de carteira, tomou vários aspectos, e o programa excedeu os livros. A oportunidade, o dia-a-dia o ajudam a determinar.

(Do livro *Modernas Tendências da Educação*, Cosmos, Lisboa, 1942. Seleção de Maria Luícia Serra.)

Biblioteca Pública

Recebemos do ex.º sr. Director da Escola Secundária uma carta, em que nos comunica que, por seu intermédio, foram oferecidos à Biblioteca da referida Escola 9 volumes: 3, pelo sr. José Gonçalves de Jesus, guarda livros; 3, pelo sr. Mário Firmino, empregado do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa; 2, pelo sr. Sebastião da Costa Trancoso, digno chefe da Caixa Geral dos Depósitos nesta vila; e 1, pelo sr. Manuel Pereira da Silva, funcionário administrativo.

Na mesma carta nos pede a fineza de agradecermos a estes senhores a sua valiosa oferta, e, em especial, ao sr. Gonçalves de Jesus, por ser a segunda, que faz, desta natureza.